

## A formação (trans)cultural no processo de ensino-aprendizagem de Teletandem: uma análise de relato de experiência

*(Trans)cultural training in the teaching-learning process of Teletandem: an experience report analysis*

Remerson Bezerra, MENEZES (URCA) <sup>1</sup>

Guilherme Mariano Martins, DA SILVA (URCA) <sup>2</sup>

Ludmila Andreu Belotti, FUNO (UNESP) <sup>3</sup>

### RESUMO

O presente trabalho discute a formação (trans)cultural no processo de ensino-aprendizagem de um interagente no contexto do programa Teletandem em parceria estabelecida entre a Universidade Regional do Cariri (URCA) e a Universidade de Georgetown. Para tanto, a discussão analisa relatórios de um interagente participante desta parceria, sendo guiada pelo seguinte aporte teórico: Funo (2015), estudo que retrata as questões de identidades culturais apresentadas em sessões de mediação, visando assim a compreensão da correlação entre a transculturalidade e o papel do mediador; Telles, Zakir e Funo (2015), dado que o artigo aborda a aprendizagem cultural por meio de uma sessão de interação entre uma brasileira e um estadunidense, evidenciando os procedimentos metodológicos do programa nesta relação, o que também espelha a relação empírica apresentada neste artigo. Desse modo, o objetivo principal deste trabalho é analisar como o processo de interação em Teletandem contribuiu para uma formação transcultural do interagente. Assim, a hipótese inicial desta pesquisa é que o processo de ensino-aprendizagem do indivíduo interagente em Teletandem desenvolveu as habilidades linguísticas e contribuiu para sua formação cultural.

**Palavras-Chave:** Teletandem, Cultura, Inglês como língua estrangeira, Ensino-aprendizagem, Transculturalidade

### ABSTRACT

*The present work discusses the (trans)cultural training in the teaching-learning process of a Teletandem interagent in the context of URCA's Teletandem program, which took place through the partnership between URCA and Georgetown University. The discussion focuses on the interagent's experience report analysis and is theoretically guided by the work of Funo (2015), a study that portrays the issues*

<sup>1</sup> Universidade Regional do Cariri, Crato, Ceará, Brasil. Curso de Letras.; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5772-1197>; e-mail: [remerson.bezerra@urca.br](mailto:remerson.bezerra@urca.br)

<sup>2</sup> Universidade Regional do Cariri, Crato, Ceará, Brasil. Departamento de Línguas e Literaturas; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7073-0506>; e-mail: [guilherme.mariano@urca.br](mailto:guilherme.mariano@urca.br)

<sup>3</sup> Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis, São Paulo, Brasil. Departamento de Estudos Linguísticos, Letarários e da Educação; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9857-8297>; e-mail: [ludmilabafuno@gmail.com](mailto:ludmilabafuno@gmail.com)

*of cultural identities presented in mediation sessions, thus aiming at understanding the correlation between transculturality and the role of the mediator. It also uses the work of Telles, Zakir and Funo (2015), since the article addresses cultural learning through an interaction session between a Brazilian and an American showing the methodological procedures of the program in this relationship, mirroring the empirical relationship presented in this article. Thus, this work is based on excerpts analyzed and taken from reports that were produced with Teletandem interaction sessions, whose main objective aimed to demonstrate, how this process contributed to the transcultural training of the interagent. The initial hypothesis of this study is that the teaching-learning process of the individual interagent in Teletandem developed language skills and contributed to his cultural training.*

**Keywords:** *Teletandem, Culture, English as Foreign Language, Teaching-learning, Transculturality*

## 1. Introdução

Nos últimos anos, a busca pelo aprendizado de línguas tem sido constante pela crescente pressão que o mercado de trabalho impõe. Desse modo, as pessoas recorrem a cursos de idiomas, programas de internacionalização, intercâmbios e outros recursos como meio de acesso a uma formação que contemple tanto a proficiência linguística, quanto competências culturais para a convivência em uma realidade que apresenta fronteiras cada vez mais curtas entre as diferentes nações, em decorrência dos avanços tecnológicos e das imposições do mercado globalizado. Com o propósito de atender a essa demanda de forma crítica (por proficiência linguística e desenvolvimento de competências para o relacionamento entre pessoas de diferentes culturas) foi implementado na URCA (Universidade Regional do Cariri, campus de Crato/CE, Brasil) o programa Teletandem (TTD URCA).

É mister frisar que o programa TTD URCA teve início em 2018, com o treinamento de mediadores por uma pesquisadora da UNESP, fortalecendo os laços entre as duas instituições. O TTD da URCA deriva, invariavelmente, do projeto Teletandem Brasil: Línguas Estrangeiras para Todos, originado na Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Assis, como resultado de projeto temático desenvolvido com auxílio da FAPESP, sob a coordenação do professor e pesquisador João Telles, em 2006<sup>4</sup>. Desse modo, o programa TTD URCA, desde sua instauração sempre aderiu aos três princípios norteadores da prática de aprendizagem de línguas em teletandem, propostos por Telles e Vassalo, a saber: a reciprocidade, a separação das línguas e a autonomia (TELLES; VASSALLO, 2006). Ou seja, o programa prima pela reciprocidade entre os interagentes, cujos objetivos de aprendizagem necessitam, portanto, da ajuda mútua entre os pares; pela separação de idiomas, de forma que cada língua tenha um tempo igualitário de desenvolvimento, para que a aprendizagem contemple igualmente

---

<sup>4</sup> O projeto “Teletandem Brasil: línguas estrangeiras para todos”, criado pelo professor João A. Telles, foi financiado pela FAPESP (processo: 06/03204-2), com duração de 2006 até 2010. Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/auxilios/1222/teletandem-brasil-linguas-estrangeiras-para-todos/>. Acesso em: 16/08/2021.

aos dois interagentes envolvidos; e pela autonomia, dado que os objetivos de aprendizagem, assim como o caminho desta aprendizagem são ambos definidos pelos próprios pares ou participantes.

Tendo isso em vista, o TTD, conforme Funo (2015, p.21) nos mostra, pode ser entendido como “contexto de aprendizagem de línguas estrangeiras online e síncrono”, um contexto multimodal, mediado por softwares de interação, que une pares de falantes proficientes em diferentes idiomas para que juntos aprendam um a língua do outro, colaborativamente. Complementando essa compreensão, o TTD é também um contexto no qual se enquadra a dimensão cultural, pois nas interações existem indícios (chamados de “episódios relacionados à cultura”) que apontam para a aprendizagem de aspectos culturais de ambas as partes (TELLES; ZAKIR; FUNO, 2015).

Nesse sentido, podemos resumir que o TTD é um contexto de ensino-aprendizagem síncrono, cujo foco são os objetivos dos interagentes. Ademais, ele se destaca como um contexto de aprendizagem autônoma propício para a internacionalização das instituições envolvidas, além de apresentar baixo custo de investimento (uma vez que pode ser realizado das próprias residências dos participantes). Ao mesmo tempo o projeto propicia grande retorno cultural (MESSIAS, FUNO e SILVA, 2020) e, conseqüentemente, atua como uma ferramenta para uma formação transcultural dos pares (WELSCH, 199; ZAKIR, 2015).

Nesse contexto, o presente trabalho visa discutir como o processo de ensino-aprendizagem em TTD contribui para a formação (trans)cultural do interagente, aqui entendida como uma formação que compreenda tanto o aspecto cosmopolita quanto a afiliação local, simultaneamente, sem ceder à homogeneização globalizante, nem à individualização separatista radical (WELSCH, 1999). Para tanto, utilizamos os estudos de Welsch (1999), pela sua definição de transculturalidade, assim como Levy (2007), por sua definição de cultura; Telles, Zakir e Funo (2015), pela análise interpretativa dos “episódios relacionados à cultura”; Funo (2015), por tratar de questões culturais em sessões de mediação; e Zakir (2015), ao retratar o lugar da cultura situado em contexto TTD, compreendendo suas especificidades entrelaçadas nas interações telecolaborativas.

Ao considerar tais referenciais, constituem-se as seguintes etapas dessa investigação, que brevemente aqui apresentamos: 1) definir concepções de cultura em contexto TTD; 2) analisar como emergem as discussões culturais, em sessões de interações TTD específicas entre um interagente brasileiro e um interagente estadunidense; 3) descrever as contribuições de tais interações na formação do interagente brasileiro.

No intuito de delimitar o conceito de cultura, portanto, adotamos o conceito elaborado por Levy (2007), que a compreende como sendo múltipla, dotada de cinco dimensões. Essa delimitação é um passo importante para entender os dados da pesquisa que aqui são analisados, sendo, então, consideradas

tais dimensões, respectivamente: a) cultura como elemento; b) cultura como relativa; c) cultura como filiação a um grupo; d) cultura como contestada; e) cultura como individual (variável e múltipla). Posto isto, vale ainda frisar que cada um desses conceitos será abordado de forma minuciosa, na próxima seção, que se propõe a tratar das relações entre culturas no âmbito do TTD.

## 2. Teletandem: entre concepções e dimensões de cultura

O TTD pode ser compreendido como um processo de natureza multifacetada, pois além de proporcionar o espaço virtual para aprendizagem de línguas estrangeiras, outras áreas de interesse são também contempladas, entre elas, a cultural. Esse é um dado já abordado por outros estudos (ZAKIR, 2015; FUNO, 2015), os quais revelam como o programa apresenta, por meio da interação linguística, a troca cultural. É importante frisar, portanto, que o TTD evidencia, na prática de ensino-aprendizagem de idiomas, o caráter da língua como cultura e o processo da interação linguística como um processo de trocas e choques culturais.

Em seu estudo, Levy define cultura como sendo “tanto uma manifestação de um grupo ou de uma comunidade, quanto a da experiência de um indivíduo nesse grupo, ou separado dele<sup>5</sup>” (2007, p.105, tradução nossa). Tendo em vista que a interpretação de cultura advém da perspectiva a ser enfocada, observamos que ela pode estar localizada no social ou no individual, por consequência, um aspecto externo ao sujeito e um interno a este, apresentando desde o início, uma plurissignificação.

Zakir (2015) defende que, no TTD, aspectos culturais se materializam a partir da relação (ou interação) entre esses dois sujeitos falantes de línguas distintas que agem colaborativamente e que, portanto, são capazes de trazer às trocas virtuais elementos sobre si, sobre o grupo com o qual se identificam, sobre lugares ou objetos que carreguem simbolicamente indícios denotativos de suas identidades, o que retoma a declaração de Levy (2007) a respeito de cultura.

Dessa forma, as discussões culturais emergem no TTD pela necessidade de interação, dado que ao falar de si, ou sobre si, ou sobre o seu espaço, os interagentes ampliam o diálogo acerca desses valores que contribuem significativamente para uma formação transcultural dos parceiros interagentes. Por conseguinte, frisamos que esse processo pelo qual as culturas permeiam entre si, não é, neste trabalho, considerado homogeneizante, ou seja, não se entende a troca cultural dos interagentes como uma padronização e igualização destas culturas. Pelo contrário, reconhecem-se dentro da esfera da interação cultural no TTD os pontos de contato e afastamento, as particularidades e universalidades que

---

<sup>5</sup> “Thus, culture is both a manifestation of a group, or a community, and of an individual’s experience within it, or apart from it.” (LEVY, 2007, p.105).

fazem parte deste complexo conceito chamado cultura. Sendo assim, reafirma-se que a interação cultural aqui é entendida, em seus conflitos e misturas, como transculturalidade (WELSCH, 1999), para quem:

A velha ideia homogeneizadora e separatista de culturas foi, além disso, superada por meio de redes externas de culturas. As culturas hoje estão extremamente interconectadas e emaranhadas umas com as outras. Os estilos de vida não terminam mais nas fronteiras das culturas nacionais, mas vão além delas, são encontrados da mesma forma em outras culturas<sup>6</sup>. (WELSCH, 1999, p. 198, tradução nossa).

Nesse panorama, as diversas conexões culturais são de caráter determinante para nossa formação cultural que, na verdade, assume uma postura transcultural, isto é, somos culturalmente híbridos pelo fato de que as culturas atuais estão interconectadas umas às outras. A partir desses pressupostos, entendemos que a transculturalidade se sobressai em relação às concepções de interculturalidade e multiculturalidade (caracterizadas como esferas e/ou ilhas), pelo objetivo de entender os conflitos, quer sejam geopolíticos, econômicos, globais e assim por diante.

Retornando à esfera das cinco dimensões culturais, a primeira a ser destacada é a de cultura como elemento. Nessa dimensão, Levy (2007) esclarece que, a partir do nascimento, já somos expostos a uma orientação cultural, principalmente no desenvolvimento da nossa língua materna. Isso implica dizer que o aprendiz de uma segunda língua (SL) já traz consigo uma formação cultural para o processo de aprendizagem resultante de suas primeiras experiências com a sua formação na língua materna.

A segunda dimensão de cultura, como um conceito relativo, afasta-se da compreensão de cultura como sendo absoluta. Para o autor, a dimensão de cultura como relativa revela que a crença do que eles fazem e o que fazemos se torna comum quando culturas estão sendo comparadas. Sendo assim, fazer generalizações a respeito do processo cultural é entendido como um ponto central nessa abordagem, sugerindo a ideia ilusória de que a cultura do outro representa a de todo um país.

No que se refere à dimensão de cultura enquanto filiação, essa está relacionada a grupos (família, escola, igreja, sociedade) que influenciam com valores, princípios, crenças e concepções gerando “nossa orientação cultural primária” (LEVY, 2007, p. 108). Assim, entendemos que os grupos possuem culturas distintas que, ao serem compartilhadas com as de outros, apresentam uma natureza heterogênea.

A quarta dimensão, que diz respeito à cultura como contestada, remete ao conceito de choque cultural que pode acontecer interiormente, assim como ocorre quando alguém decide morar em outro país: deve estar ciente de que a cultura estrangeira pode entrar em contraste com sua cultura materna. De igual modo, nas interações TTD ocorrem choques culturais, pois existem duas culturas distintas que

---

<sup>6</sup> “The old homogenizing and separatist idea of cultures has furthermore been surpassed through cultures' external networking. Cultures today are extremely interconnected and entangled with each other. Lifestyles no longer end at the borders of national cultures, but go beyond these, are found in the same way in other cultures.” (WELSCH, 1999, p. 198).

podem entrar em confronto consigo mesmas. Nesse sentido, trata-se da dimensão adequada para análise dos conflitos e desentendimentos entre participantes do TTD, conforme sugerem Telles, Zakir e Funo (2015).

A quinta e última dimensão trata da cultura como individual (variável e múltipla). É nessa dimensão que seu conceito pode variar, ou seja, a cultura difere de uma pessoa para outra de acordo com sua compreensão e representação pessoal. Por esse ângulo, Zakir (2015) acrescenta que as interações TTD geram interpretações distintas no tocante às culturas em foco.

Cada uma das observações de Levy (2007) referentes ao conjunto de dimensões culturais se aproximam do conceito de transculturalidade (WELSCH, 1999) pelo enfoque dado à heterogeneidade das culturas, fazendo alusão diretamente à diversidade e à pluralidade que são características subjetivas encontradas na relação delas entre si. Destarte é importante apontarmos que apesar de operacionais, os conceitos de Levy (2007) estão compreendidos dentro da sua fragmentação não apenas como conceitos pragmáticos, mas como conceitos que compreendem a cultura em seu aspecto plural e tensivo, o que faz, portanto, que seja aqui entendido como partícipe do conceito de transculturalidade.

Entendemos então que a língua, enquanto cultura, apresenta diversas facetas de representação, como nos mostra Welsch (1999). Estas facetas linguístico-culturais, contudo, não formam blocos coesos e homogeneizantes, mas se encontram em contextos de tensão, dada a sua diversidade. Ou seja, cada aspecto levantado por Levy (2007) é ele próprio vivo e diverso, o que faz com que as suas formas de contato sejam estabelecidas como pontes entre alteridades e não entre partes homogêneas. Em outras palavras, cada aspecto cultural levantado por Levy (2007) é, ele próprio, transcultural e não homogêneo ou globalizante.

### 3. **Língua e cultura - eu te ajudo a aprender a minha e você me ajuda a aprender a sua**

A relação que existe entre língua e cultura não é uma pauta recente, mas bastante discutida em épocas passadas. Salomão (2012) contextualiza o cenário do ensino de línguas, trazendo à tona duas correntes que se ergueram: estruturalista e pós-estruturalista. Conforme a autora, a primeira tratava a língua enquanto sistema, à medida que a segunda focalizava a língua enquanto prática, destacando a cultura como seu elemento intrínseco.

Se por um lado a cultura está relacionada com a língua, por outro é necessário pensá-las como integrantes e coligadas no processo de aprendizagem. Sob esse viés, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), inclusive, trata a língua inglesa como Língua Franca (ELF) apontando que:

Nessa proposta, a língua inglesa não é mais aquela do “estrangeiro”, oriundo de países hegemônicos, cujos falantes servem de modelo a ser seguido, nem tampouco trata-se de uma variante da língua inglesa. Nessa perspectiva, são acolhidos e legitimados os usos que dela fazem falantes espalhados no mundo inteiro, com diferentes repertórios linguísticos e culturais, o que possibilita, por exemplo, questionar a visão de que o único inglês “correto” – e a ser ensinado – é aquele falado por estadunidenses ou britânicos. (MEC, 2017, p. 241)

Fica evidente que essa primeira implicação da BNCC busca contemplar as relações entre língua e cultura, compreendendo a função social e política que a língua inglesa exerce na contemporaneidade enquanto ELF. Levando isso em consideração, a visão tradicional de que o inglês corretamente falado seria o dos EUA ou da Inglaterra, tornou-se uma noção de caráter obsoleto, sobretudo quando estamos pensando em TTD, no qual o indivíduo pode ser falante da língua materna (com sotaques de diferentes regiões) ou de SL, sem que haja comprometimento do processo.

Além disso, o contexto de ensino-aprendizagem de línguas no TTD dialoga com a Linguística Aplicada (LA), que surgiu, a princípio, como uma área interessada no ensino de línguas e que, durante muito tempo, esteve restrita a pesquisas voltadas para esse campo de estudo, especialmente com relação ao inglês (MOITA LOPES, 2009). Embora ainda seja predominante, a LA tem se distanciado desse espaço de investigação para explorar novas áreas, sendo apontado por Moita Lopes (2009) como uma LA indisciplinar.

É nesse panorama que a cultura também adentra como material de análise da LA, pois, segundo Salomão (2012), apesar de este conceito ser estudado por outros campos teóricos, a LA (indisciplinada) dialoga com esses, mostrando-se plural e eficiente, a fim de entender inclusive a cultura como constituinte no processo de ensino-aprendizagem de línguas (notadamente no TTD).

Em consonância, Zakir (2016) observa a partir do ponto de vista bakhtiniano que:

é por meio da linguagem que se constituem a sociedade e a cultura (...) a perspectiva bakhtiniana possibilita pensarmos exatamente na questão social, na dimensão interativa da noção de cultura, porque a cultura está no social. Não se trata, portanto, de se pensar a cultura além da língua, mas de se levar em conta que a cultura e a sociedade estão na língua. (ZAKIR, 2016, p. 149).

Em outras palavras, a autora percebe, ao analisar a concepção translinguística que a língua apresenta, como já mostra Bakhtin, esta dimensão sociocultural e, portanto, entendemos que a conexão estabelecida pelo TTD entre os interagentes proporciona-lhes o atravessamento dos marcos geográficos com a finalidade de aprendizagem (linguística/cultural), ao longo das interações virtuais.

De igual modo, Funo (2015) acrescenta aspectos sobre a probabilidade do levantamento de pautas relacionadas às identidades culturais dos interagentes nas sessões de mediação que se constitui como um espaço de questionamentos, orientações e trocas de conhecimentos ou experiências. Assim, o papel colaborativo que os mediadores desempenham em refletir sobre tais aspectos culturais é de suma importância para “promover a educação do interagente para se relacionar com outros povos e outras culturas” (FUNO, 2015, p. 32).

Nesse sentido, destaca-se que atuar como mediador é benéfico também para o docente em formação, pois propicia a este uma perspectiva diferente da docência tradicional, do professor detentor do saber, para um facilitador, um mediador entre pares, entre culturas, entre línguas e saberes. Tendo isto em vista, destaca-se a importância do relato de experiência partilhado nas sessões e da autoavaliação em TTD, pois refletem como método a atuação do facilitador e não detentor do saber.

Logo, vale notar que no TTD, é dada a oportunidade de aprender diversas abordagens (tecnológica, social, linguística etc.) e vivenciar a cultura como uma experiência significativa que contribua tanto para a formação pessoal, quanto profissional do participante. Tomando isto como base, a cultura não está restrita a um espaço fechado, nem mesmo em uma interação específica de TTD, pois não se trata de um elemento estático e sem dinamismo.

Por isso, há inúmeras possibilidades de compreender o que é cultura, pelo fato de que tudo está impregnado de cultura, tornando as manifestações da sociedade em representações essencialmente culturais. Por conseguinte, a cultura como um todo desencadeia uma conduta fundamental ao conduzirmos à compreensão não somente da relação com a língua, mas o processo mútuo concomitante que gira em torno do TTD: “eu te ajudo a aprender a minha e você me ajuda a aprender a sua” (TELLES, 2008).

Telles (2006, p. 36) já nota como o aspecto cultural da interação em TTD é seu principal objetivo. A apreensão da cultura do outro, por meio da aprendizagem linguística, mostra-se como elemento central do TTD. Particularmente compreendemos que a língua e a cultura estão invariavelmente conectadas e que a língua apenas existe em um contexto vivo de uso. Como afirma Volóchinov:

Esse papel excepcional da palavra, como um meio de consciência determina o fato de que *a palavra acompanha toda a criação ideológica como seu ingrediente indispensável*. A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico. Os processos de compreensão de qualquer fenômeno ideológico (de um quadro, uma música, rito, ato) não podem ser realizados sem a participação do discurso interior. Todas as manifestações da criação ideológica, isto é, todos os outros signos não verbais são envolvidos pelo universo verbal, emergem nele e não podem ser isolados, nem completamente separados dele. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 100-101)



Como podemos ver, a cultura só nos é apreendida pelo intermédio da linguagem, dado que todas as relações são mediadas por ela, mesmo as corpóreas, visuais ou rítmicas atextuais. Volóchinov nos mostra como a consciência do homem é linguística, pois para ele a linguagem apresenta uma onipresença social (VOLÓCHINOV, 2018, p. 106), sendo impossível desconectar a compreensão humana da linguagem e, por consequência, a cultura da linguagem. Paralelamente, como as formas de representação culturais são compreendidas pela consciência linguística, sua produção e veiculação também são linguísticas, ou seja, “[n]enhum signo cultural permanece isolado se for compreendido e ponderado, pois ele passa a fazer parte da *unidade da consciência verbalmente formalizada*” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 101).

#### 4. Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa é caracterizada por uma abordagem exploratória, de natureza qualitativa. A abordagem exploratória é marcada pela flexibilidade na compreensão do problema e no estabelecimento de hipóteses (GIL, 2002). Já a pesquisa qualitativa se interessa por elementos da realidade, sendo julgada pelas marcas subjetivas e escolhas empíricas dos pesquisadores (FONSECA, 2002).

Em relação à coleta dos dados, a princípio, os participantes realizaram oito sessões de interação entre o mês de abril e maio de 2020. As sessões, ao serem gravadas com o consentimento de ambos, foram seguidas pelo desenvolvimento dos relatórios exigidos pelo Programa TTD URCA, como material para futuras pesquisas. Posto isto, o trabalho foi sendo construído com base nesses relatórios, visando atingir a problemática em estudo: como o processo de ensino-aprendizagem em TTD contribui para a formação (trans)cultural do interagente.

Além do salientado, faz-se necessário apontar que foi selecionado um critério para a escolha dos relatórios que compõem o *corpus* desta pesquisa. O critério foi a seleção dos relatórios de sessões que trataram especificamente a respeito de aspectos culturais dos EUA e Brasil, tendo em vista que a parceria era composta de um estadunidense e um brasileiro, o qual se apresenta como coautor deste trabalho. Por fim, realizou-se um procedimento de recorte de excertos dos relatórios que indicavam as principais temáticas abordadas nas interações – comidas típicas, esportes e festas culturais. Tendo isto sido feito, prosseguimos para a análise interpretativa dos dados.

Partindo desta perspectiva, estabelecemos como forma de pesquisa o relato de experiência, visto que os excertos analisados são parte de uma experiência maior, vivida por um dos coautores deste artigo enquanto interagente, e pelos outros dois coautores, como mediadores. O relato de experiência, como gênero, foi escolhido, portanto, por permitir a descrição desta experiência profissional de forma contextualizada, demarcada pela particularidade empírica.

## 5. Resultados

Os dados analisados, como mencionado na seção anterior, são excertos de relatórios oriundos de sessões de interação TTD mediado pelo *Zoom* entre um brasileiro (estudante do curso de licenciatura em Letras da URCA), ao qual atribuímos o nome fictício de Juliano e um estadunidense (aluno do curso de Economia com ênfase em línguas estrangeiras da universidade de *Georgetown*) que nomeamos de George, sendo também fictício. A seguir, apresentamos a sintetização do número total de relatórios produzidos e os que foram considerados na pesquisa através do Quadro 1.

**Quadro 1.** Síntese dos dados da pesquisa.

RELATÓRIOS	QUANTIDADES
Relatórios totais produzidos	8
Relatórios considerados na pesquisa	2

Dessarte, destacamos o primeiro trecho que evidencia como emergiu a discussão cultural entre os parceiros Juliano e George:

Inicialmente, posso afirmar que percebo o progresso no ensino-aprendizagem de ambas as partes. Havíamos combinado em conversar sobre os aspectos culturais dos Estados Unidos e Brasil. O tempo foi pouco para abranger com riqueza de detalhes, mas completaremos essa linha de raciocínio na próxima interação (Trecho retirado de relatório TTD).

O primeiro excerto salienta que antes da interação acontecer, os parceiros planejavam a temática da sessão na qual seriam abordados determinados assuntos, entre eles, cultura. Ou seja, a cultura como tema da interação surge pela motivação dos próprios pares em seu planejamento e não necessariamente como uma necessidade externa para uma disciplina. Este planejamento dos encontros virtuais é importante não só para oferecer ao parceiro um aprofundamento teórico daquilo que será debatido, mas também para estabelecer objetivos que visem uma aprendizagem coletiva, permitindo a criação de estratégias para alcançá-los e, dessa maneira, tornando a interação mais organizada. Dessa forma, notamos, no relatório de Juliano, que houve um bom aproveitamento da sessão de orientação anterior ao início das interações, pois nesta se enfatiza a importância do planejamento pessoal e do planejamento entre as duplas.

Zakir (2015) complementa que a cultura está localizada tanto no social, quanto na língua. Em outros termos, isso significa que não há interação linguística sem interação cultural. Por conseguinte, as discussões culturais têm posições relevantes porque nos permitem acesso à construção dos estereótipos

– “imagens pré-concebidas” (ZAKIR, 2015, p. 129). Geralmente, esses estereótipos generalizam uma cultura, um povo e até mesmo um país, sendo necessário uma oportunidade de discuti-los com o propósito de desconstrução. Essa oportunidade é encontrada no espaço do TTD, ou seja, um ambiente no qual as culturas são debatidas por iguais, por pares com objetivos co-dependentes.

No excerto seguinte, observamos os relatos culturais a respeito de comidas típicas brasileiras exemplificadas e apresentadas ao parceiro George:

Abordamos sobre as comidas típicas [...] que há em ambos países. Pude aprender sobre como é a alimentação estadunidense [...] Também discutimos a respeito de comidas típicas brasileiras, como o vatapá, feijoada, pão de queijo, brigadeiro [...] ele afirmou ter gostado dos aspectos culturais que trouxe na conversa (Trecho retirado de relatório TTD).

É enfatizada uma discussão sobre comidas típicas brasileiras, ao mesmo tempo que é possível perceber também uma troca de conhecimentos acerca da alimentação estadunidense. Esse registro se relaciona com a dimensão de cultura como relativa (LEVY, 2007), pois sugere a comparação das diferenças entre culturas, entendendo-as enquanto um conceito que não é absoluto, mas que aponta para características generalizantes comuns a uma cultura, como a presença de comidas típicas de uma determinada cultura que pode ser desconhecida de outra.

Embora o excerto dialogue com a dimensão relativa, é possível identificar mais dimensões culturais propostas por Levy (2007), a saber, cultura como filiação a um grupo, pois já que estamos enfatizando a respeito da culinária em si, o arroz e feijão que é uma refeição tradicional e comum para os brasileiros, é entendido como um elemento cultural deste país em questão. Por outro lado, talvez não seja um aspecto cultural pertencente a outro grupo.

Em outro excerto destacado, os interagentes abordam sobre esportes, tendo como ressaltado, *water polo* (polo aquático) que se trata de um esporte coletivo muito popular nos EUA de acordo com a visão do interagente George:

Inicialmente, a interação foi com foco novamente na cultura do Brasil e Estados Unidos. Resolvemos continuar esse assunto pelo pouco tempo que tivemos na interação passada [...] Essa discussão cultural é bastante importante, pois os parceiros podem ter uma visão além do que normalmente sabem. Pude aprender sobre [...] esportes que não conhecia antes, a saber, Water polo e Rugby (Trecho retirado de relatório TTD).

Apesar de semelhante ao handebol, o *water polo* distingue-se pela sua prática em piscinas. De igual modo, o segundo esporte mencionado, o *rugby*, é outra prática esportiva também comum nos EUA que se assemelha ao futebol americano, mas se diferencia por regras impostas. Os dois esportes despertaram a curiosidade de Juliano, pois ele desconhecia estas atividades. Vemos que o conhecimento

da língua (por exemplo dos termos para water polo e rugby e dos outros vocábulos coligados na conersação) veio intrinsecamente atrelado com o aspecto cultural da vivência do parceiro destas atividades em sua cultura.

Assim, notamos que Juliano toma conhecimento de práticas esportivas que até então desconhecia em sua própria cultura, por meio do contato com a cultura da alteridade. No Brasil, o pólo aquático e o rugby não possuem destaque midiático como o futebol, o vôlei e o basquete, contudo são ambos praticados e regulados por entidades desportivas. O pólo aquático especificamente é coordenado pela Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos e o rugby, o qual ganhou maior popularidade nos últimos anos, principalmente no estado de São Paulo, pela Confederação Brasileira de Rugby.

Curiosamente, não há menção nos relatórios acerca de futebol que é o famoso esporte brasileiro, porém Telles, Zakir e Funo (2015, p. 378) observam na análise dos dados de suas pesquisas que o interagente estadunidense projeta uma compreensão de que futebol seria uma espécie de “artefato pré-existente e/ou pré-designado” trazendo à tona a discussão de cultura como elemento (LEVY, 2007). Podemos apontar também que, nesse sentido, o mesmo pode ser apontado para o futebol americano, dentro da perspectiva do interagente brasileiro, como notamos na explicação do rugby por comparação com o futebol americano.

Nesse paradigma, o terceiro trecho dialoga com a ideia de cultura como filiação a um grupo. Conforme (LEVY, 2007, p. 108) afirma: cultura pode ser delimitada por esportes e entre outros fatores. No entanto, isso não significa que outras dimensões culturais não possam ser contempladas no excerto analisado. Além disso, notamos que não houve registro de choques culturais decorrentes dos estereótipos culturais vinculados à comida ou cultura nesta parte da interação.

Em suma, o último excerto relata a respeito de festas culturais:

Abordamos sobre [...] as festas que há em ambos países [...] festas culturais como o Carnaval e as festas juninas. Além disso, meu parceiro comentou sobre como funciona as festas no exterior e como os jovens se comportam [...] Foi uma conversa que transcendeu o pouco conhecimento que ambos tinham dos países em questões (Trecho retirado de relatório TTD).

Consideramos que o excerto supracitado mantém uma relação mútua com a cultura como relativa (LEVY, 2007) pela comparação ou generalização das culturas. Vale enfatizar que esta dimensão manifesta-se frequentemente nas interações TTD, nas quais encontramos indivíduos com diferentes repertórios culturais, conforme apontado nos estudos de Telles, Zakir e Funo (2015) e Zakir (2015).

O carnaval brasileiro, abordado no excerto, é conhecido mundialmente como uma das maiores festas populares do país, diferentemente das festas juninas – chamadas assim pelo período de comemoração no mês de junho e pelo caráter religioso que lhe é atribuído homenageando São João –

que não possuem a mesma notoriedade. Notamos que, dentro desta discussão, o excerto do relatório de Juliano aponta uma vinculação importante à festa como elemento cultural: o comportamento dos jovens. Considerando que ambos os interagentes são jovens, a utilização de um elemento cultural como tema, a festa, ganha uma importância maior, principalmente pela associação de valores morais e sociais que nela se vinculam. O destaque no relatório chama a atenção para a dualidade entre festas e comportamento, o que abre espaço para hipóteses não explícitas no relatório: como os jovens se comportam? O que é permitido? Como eles deveriam, de fato, se comportar? Essas questões são interessantes pois apontam indícios de como o paralelo cultural de uma conversa aparentemente inocente sobre festas populares está intrinsecamente atrelado aos valores práticos e sociais de comportamento, tanto nos seus aspectos de liberação, quanto de controle.

À vista disso, podemos notar várias dimensões culturais presentes no episódio analisado: cultura como elemento, quando há uma “orientação cultural” desenvolvida desde o nascimento (LEVY, 2007), bem como a cultura como filiação a um grupo (LEVY, 2007) pela influência de princípios advindos dos grupos sociais que contribuem para essa mesma orientação. Ambas dimensões são remetidas a estas festas que conhecemos desde a infância pelos grupos. No entanto, a dimensão variável e múltipla (cultura como individual) está também localizada na interpretação subjetiva dos interagentes sobre a temática cultural em questão que, de acordo com Levy (2007), é modificada por alguns fatores, dos quais o conhecimento de mundo é citado e proposto na interação entre os dois participantes.

É curioso perceber que a dimensão de cultura como contestada (LEVY, 2007) não é encontrada explicitamente em nenhum dos excertos analisados. Apesar disso, é interessante reforçar que esta dimensão que se refere ao choque cultural, pode estar localizada em outras extremidades das interações, necessitando de uma investigação mais aprofundada que nos permita analisar os desconfortos presentes nos discursos.

Com esse recorte dos excertos e a análise proposta, foi possível refletir acerca das perspectivas de ambos interagentes no que diz respeito às culturas em foco, dos estereótipos estabelecidos antes das interações, ao mesmo tempo que demonstraram o papel fundamental exercido pela dupla de participantes (Juliano e George) nas interações TTD que contribuíram de modo significativo para suas vivências, sendo o caso deste relato de experiência, que traçou os caminhos percorridos no desenvolvimento da aprendizagem em teletandem.

### **Considerações finais**

Retornando aos objetivos de estudo, a análise desse material documentário aponta para a delimitação do conceito de cultura que assume uma postura multifacetada, sua perspectiva transcultural

(WELSCH, 1999) e suas várias dimensões (LEVY, 2007) inseridas em contexto TTD; a contemplação de como se emergem as discussões culturais em sessões de interações TTD entre um interagente brasileiro e um interagente estadunidense, por meio da análise dos dados da pesquisa e observações feitas a respeito da natureza sociocultural da língua (ZAKIR, 2016). Ademais, apresentamos as contribuições no espaço formativo do interagente TTD que, a partir da imersão cultural experimentada, desenvolveu não apenas competências linguísticas, mas cultivou o processo de ensino-aprendizagem no que tange à dimensão (trans)cultural, remetendo a noção de heterogeneidade que atravessa a própria cultura e a do parceiro que estão em evidência.

Nesse aspecto, destacamos como os diferentes modos de cultura apresentados por Levy (2007) foram vivenciados pelos parceiros de TTD nas suas interações. As conversas entre o americano e o brasileiro evidenciaram a presença da cultura como relativa, assim como a discussão sobre os esportes mostraram a cultura como vinculação a um grupo. Contudo, percebemos claramente como essas relações são transculturais, não somente pela troca entre os parceiros, mas pelo que esta troca revela sobre a cultura de ambos. O elemento da cultura globalizada (no caso dos esportes o futebol) está subentendido, mas não domina a conversa, pois a cultura é heterogênea e, no caso em questão, a cultura dos parceiros não é guiada pelo eixo globalizante.

Os dados abordados trazem indícios da presença de episódios relacionados à cultura (TELLES; ZAKIR; FUNO, 2015) nas trocas interativas de teletandem. Esses indícios são importantes porque comumente surgem gerando impactos na cosmovisão dos sujeitos participantes, ao passo que trazem à tona suas experiências vividas ou estereótipos construídos acerca de determinada cultura, dignos de reflexão e/ou problematização para o relacionamento com outros povos.

Vemos isto, por exemplo, no mesmo excerto sobre o esporte, pois pela conversa com a alteridade, com a cultura estrangeira, o parceiro brasileiro descobre algo não somente sobre o outro, mas sobre si próprio. Em um primeiro momento, o parceiro aprende sobre novos esportes, ou seja, novas formas de vinculação a grupos distintos. Essa aprendizagem é permeada pela novidade e distância, afinal, são o conhecimento do outro. É por meio da conversa com os mediadores, contudo, que se descobre novamente, que estes esportes (esta forma de cultura) são também nacionais. Ou seja, há uma heterogeneidade visível na pluralidade cultural nacional também.

Logo, concluímos que essa análise dos relatórios oferece um olhar empírico com múltiplos sentidos de como enxergar a complexidade de cultura. Além disso, nos fornece um espaço sugestivo para ampliar a discussão consolidada e, portanto, considerada inacabada, em futuras pesquisas envolvidas na área do TTD.

## Referências

- BRASIL. 2017. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Ministério da Educação. MEC.
- FONSECA, J. J. S. 2002. *Metodologia da pesquisa científica*. UECE, Apostila.
- FUNO, L. B. A. 2015. *Teletandem: um estudo sobre identidades culturais e sessões de mediação da aprendizagem*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista.
- FUNO, L. B. A.; SILVA, G. M. M.; MESSIAS, R. A. L. 2020. Teletandem e internacionalização na Universidade Regional do Cariri (URCA). In: SOUZA, F. M. de; CARVALHO, K. C. H. P. de; MESSIAS, R. A. L. (Orgs.). *Telecolaboração, ensino de línguas e formação de professores: demandas do século XXI*: 17-42. Mentis Abertas; EdUEPB.
- GIL, A. C. 2002. *Como elaborar projetos de pesquisa*. Atlas.
- LEVY, M. 2007. Culture, culture learning and new technologies: Towards a pedagogical framework. *Language Learning & Technology*, 11.2: 104–127.
- MOITA LOPES, L. P. 2009. Da aplicação da Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, R. C; ROCA, P. (Orgs.). *Linguística Aplicada: um caminho com muitos acessos: 11-24*. Ed. Contexto.
- TELLES, J. A. 2006. *Teletandem Brasil: Línguas estrangeiras para todos*. Disponível online: <http://www.teletandembrasil.org/home.asp>. Acessado em: 15 abr. 2021.
- TELLES, J. A; VASSALLO, M. L. 2006. Foreign language learning in-tandem: Teletandem as an alternative proposal in CALLT. *The Specialist*, 27.2: 189-212.
- TELLES, J. A; ZAKIR, M. A.; FUNO, L. B. A. 2015. Teletandem e episódios relacionados a cultura. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 31.2: 359-389.
- TELLES, J. A (Org.). 2009. *Telet@ndem: um contexto virtual, autônomo e colaborativo para aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI*. Pontes editores.
- VOLÓCHINOV, V. 2018. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Editora 34.
- WELSCH, W. 1999. Transculturality – the puzzling form of cultures today. In: FEATHERSTONE, M.; LASH, S. (Eds.). *Spaces of Culture: City, Nation, World*: 194-213. Sage.
- ZAKIR, M. A. 2015. *Cultura e(m) telecolaboração: Uma análise de parcerias de teletandem institucional*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual Paulista.
- ZAKIR, M. A. 2016. Cultura e discurso: uma análise translinguística de interações de teletandem. *Letras de hoje*, 51.1: 147-156.